

Festival Afro Urbano e a potência da cultura negra

» CAROLINA MARTINS

Jornalista, escritora, sócia e cofundadora da Cassangue Produções, idealizadora e curadora do Festival Afro Urbano

Arte e cultura são conceitos amplos e abstratos. Todo mundo gosta. Música, cinema, literatura. Difícil encontrar alguém que defenda abertamente o fim das expressões artísticas. De algum tipo de arte você gosta, não é possível! Durante a pandemia, nos períodos de isolamento mais rigorosos, o que salvou muita gente foi a arte.

A cultura não para. Aliada à tecnologia, então, foi uma explosão de dancinhas no TikTok, minidocumentários autobiográficos nos stories, novos fotógrafos se descobrindo ao registrar o pôr do sol na janela. Arte é tudo isso (e muitas outras coisas). É assim que a cultura vai se forjando, eternizando a vivência de um povo, de uma época, de uma história. E se estamos falando da população negra, a cultura é, ainda, fonte de resistência.

O debate racial ganhou destaque nos últimos anos, e fica mais forte a cada assassinato ou episódio de racismo vergonhoso que revela a segregação arraigada na nossa sociedade. No mês de novembro, catalisado pelo Dia da Consciência Negra, as discussões tomam conta de jornais, debates na televisão e publicações no Instagram. Enquanto isso, durante outros 364 dias do ano, e, ao longo de nossa vida, nós, pessoas negras, estamos traçando estratégias de sobrevivência. Encontrando formas de continuar a trajetória de liberdade iniciada por nossos ancestrais lá atrás, quando foram sequestrados e forçados a construir uma existência na terra brasileira.

É aqui que entra a arte. Porque foi nos baques da senzala, nos cantos para os orixás, no jogo de capoeira que nosso povo encontrou força para seguir. Nos sambas, nos manifestos pela abolição via imprensa negra, nos blocos afros de carnaval que ostentavam negritude. Foi por meio deles que expressamos nossa leitura de mundo, nosso banzo, nossa revolução. É com a arte que continuamos expressando nosso orgulho e nosso valor.

O *Festival Afro Urbano* nasceu em 2021 com este propósito. Reunir artistas negros da nova geração do Distrito Federal para celebrar a vida! São músicos independentes, artistas visuais, fotógrafos, escritores, dançarinos e contadores de histórias. Pessoas que usam o corpo, a voz, as palavras e a própria existência para, por meio da arte, manifestar que afetos e beleza compõem a vida negra e merecem ser exaltados.

Na edição realizada em Taguatinga no último sábado (20), no espaço cultural Caracas, véi, cinco escritores comandaram um sarau literário intercalado por 10 atrações musicais e de dança que culminaram num verdadeiro quilombo cultural. Para muitos dos que participaram, foi o primeiro evento após 20 meses de pandemia. Perdas foram lembradas



(perdemos muitos!). Mas as vidas negras que resistem foram celebradas! São em momentos assim que entendemos a importância da partilha. Para a população negra, “estar junto” é uma forma de se fortalecer.

O festival também celebrou nossas raízes africanas, ao realizar dois eventos no Simbaz, culinária afro e bar, unindo música e gastronomia. E esse ciclo de exaltação se encerra neste fim de semana, com a primeira exposição de temática racial do Museu de Arte de Brasília (MAB), após a reinauguração.

Existindo e Resistindo — uma celebração às vidas negras traz 13 obras, algumas delas produzidas durante a pandemia, que ressignificam o conceito de liberdade. São cinco artistas visuais do Distrito Federal, mostrando o que de mais contemporâneo está sendo produzido na capital do país. Entre os nomes, o internacionalmente celebrado Antonio Obá, com um desenho exclusivo e inédito, feito especialmente para o Festival Afro Urbano.

Durante dois dias, neste sábado (27) e domingo (28), o Distrito Federal terá a

oportunidade de experimentar a cultura negra, essa potência que movimenta e sustenta todo um povo há milênios. Tudo regado a muita música, literatura, história infantil, apresentações de break e dança vogue. Porque de algum tipo de arte você gosta, não é possível!

Esse projeto está acontecendo porque pessoas como a administradora do Plano Piloto, Ilka Teodoro, e a proprietária do Caracas, véi, Meimei Bastos, duas mulheres negras, entenderam a importância da celebração e viabilizaram espaços para o festival. Assim como o dono do restaurante Simbaz, o nigeriano Chidera Ifeanyi, que abriu as portas para nós.

Tudo movimento cultural flui melhor com financiamento e como é uma iniciativa autônoma, tem vaquinha on-line para arrecadar doações que permitam remunerar artistas e arcar com alguns custos. O link para apoiar financeiramente está nas redes sociais da Cassangue Produções. Faça parte como você puder: curta as redes, vá ao MAB, contribua, apoie e seja Afro Urbano/a também. A mudança chega por meio de cada um de nós.

Sotaques que se perderam

» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário e blogueiro

Por que é que a fala brasileira é tão diferente da portuguesa? Razões, há várias. O isolamento em que viveram as colônias lusas na América é fator essencial, responsável pela permanência, em nosso falar, de formas arcaicas já caídas em desuso em Portugal. Por seu lado, mudanças fonéticas ocorridas lá nem sempre repercutiram aqui.

Também é importante lembrar a influência das línguas indígenas, transmitidas aos primeiros brasileiros como consequência da formação de famílias mistas, com pai português e mãe índia. É permitido imaginar que, antes de o Marquês de Pombal proibir o uso do tupi, o bilinguismo fosse frequente nas capitâneas do sul.

Os imigrantes europeus da virada do século 19 para o 20 trouxeram na bagagem palavras e expressões que acabaram incorporadas à língua. Mas não há que se esquecer que, ao chegarem, essas populações encontraram um falar bastante cristalizado, já próximo do que conhecemos hoje.

A influência mais profunda sofrida pelo falar brasileiro, não há que se diga, veio dos negros africanos trazidos ao Brasil como escravos. Descobrir quantos eram, em diferentes momentos de nossa história, não é fácil. O primeiro censo oficial só teve lugar em 1872. Antes dele, não havia estudos demográficos sistemáticos. O que há são trabalhos recentes, obra de pesquisadores de paciência beneditina, que garimparam inventários dos séculos passados. O escravo, equiparado a um objeto,

não contava como gente. Portanto, para apurar sua existência, convém compilar listas de bens dos defuntos, onde eles aparecem ao lado de louça e peças de mobiliário.

Esses trabalhos dão uma boa ideia da população negra no Brasil dos séculos 17 e 18. Estima-se que, em meados do século 18 (1750), na época em que nosso falar começava a se fixar, a população da capitania das Minas Gerais era composta por 60% de escravos africanos, o que dá uma ideia do enorme contingente populacional vindo de fora e que falava, como segunda língua, um português tosco.

Esses imigrantes forçados eram cuidadosamente triados pelos senhores para evitar a formação de grandes grupos que falassem o mesmo dialeto. Prevenir motins e rebeliões era uma preocupação constante. Originários da costa ocidental da África, os cativos falavam línguas e dialetos da grande família banta. Apesar disso, a intercompreensão entre os diferentes falares era geralmente impossível.

Foi assim que o português acabou se impondo como língua franca entre os próprios africanos. O português foi aprendido de ouvido, sem escola, sem gramática, sem coach de correção de pronúncia. O sotaque da massa de escravos, típico do estrangeiro que fala uma língua aprendida, há de ter influenciado o falar da minoria branca. De um lado, os africanos sorveram língua e vocabulário dos senhores; de outro, devolveram um português mastigado, triturado, amolecido, rearranjado. A maneira como falamos hoje descende dessa

permuta que atingiu seu pico no século 18.

Seria valioso ouvir os escravos se exprimirem na nova língua. Será que dava para identificar, naquele linguajar incipiente, traços e marcas que ficaríamos de herança para nosso falar atual? Infelizmente, os tempos não permitiam registros sonoros. Ainda assim, temos atualmente um modo de recuperar esse passado de sotaques.

Um pequeno contingente de africanos vive hoje no Brasil — imigrantes e, principalmente, refugiados. Por coincidência, são originários das mesmas costas de onde provinham os escravos que povoaram nossa terra. Por que não aproveitar e fazer um registro sonoro da fala desses africanos legítimos, que estão em pleno aprendizado do português? A língua materna de todos será uma variedade da família banta, como ocorria com os escravos de outrora.

Os negros que vivem na França, que também provêm das costas ocidentais da África, têm um sotaque característico, facilmente identificável ao falarem francês. Mas não formam contingente numeroso ao ponto de influenciar o falar dos franceses. No Brasil de antigamente, chegaram a ser a maioria dos habitantes. É mais que provável que nossa fala guarde pontos de contato com a deles. A presença, em nosso território, desses recém-chegados constitui excelente ocasião para conferir. Os que entendem do riscado não deveriam desperdiçar a oportunidade.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Saúvas e o presidencialismo de coalizão

Esse tal de presidencialismo de coalizão, termo trazido há mais de 30 anos à realidade do Brasil com a obra, de mesmo nome, escrita pelo sociólogo Sérgio Abranches, vai, a cada governo e a cada legislatura que chega, adquirindo uma versão própria, porém, sempre mais nefasta que a anterior, tornando débil nossa democracia, graças a um processo indecente de apropriação do Estado pelas elites políticas.

Em toda e qualquer lista dos principais problemas nacionais que seja elaborada, contendo as causas principais de nossas segundas crises institucionais, deverá constar o presidencialismo de coalizão. E por uma razão simples e que remonta ao período da redemocratização do país: o açambarcamento da máquina do Estado por parte das lideranças dos principais partidos, em nome de algo vago como apoio, é, em suma, o principal objetivo de nove em cada 10 legendas partidárias com assento no Congresso.

Não há, como em outros países, um ideário de Estado a ser implementado ou discutido em nome da nação, mas uma ideia precisa e argumentada das potencialidades práticas que cada apoio imediato representa e pode render. Fosse visto ou interpretado comme il faut, pela letra fria da lei, sob a tenência de juízes realmente probos, o mecanismo perverso do presidencialismo de coalizão seria facilmente considerado em nossa legislação um crime capaz de perfazer todo o Código Penal, incluindo, além do próprio e de A a Z, os códigos Civil e de Defesa do Consumidor, resvalando, ainda, para a antiga Lei de Segurança Nacional, já revogada.

Um bom magistrado, capaz de enxergar no mecanismo do presidencialismo de coalizão um atentado múltiplo à democracia, ao Estado e à nação, facilmente encontraria respaldo legal para condenar esses meliantes políticos, que fazem da representação um meio para enriquecimento ilícito a penas de reclusão superiores a um século.

O abalo reiterado à harmonia e ao equilíbrio institucional vindo por esse mecanismo que, nas últimas décadas, tem trazido prejuízos incalculáveis ao país e à sociedade, e sobrevive não apenas pela desfaçatez como é encarado pelas elites políticas, com beneplácito do Judiciário, mas, sobretudo, porque é azeitado, centavo por centavo, por uma das mais altas cargas tributárias do planeta. É esse o combustível principal que permite a perpetuação desse modelo gerador de corrupção, clientelismo, politização judicial e de seu oposto, representação pela judicialização da política.

A exacerbação dessa mecânica, como temos assistido com as exigências de fundos astronômicos partidários e eleitorais e com as emendas individuais, coletivas e, agora, com as emendas do relator, dentro do chamado RP9 ou emendas secretas, dá um tom desse que é o mais daninho dos modelos, responsável pela dilapidação do Estado e de sua democracia, com consequências diretas na inflação, no desemprego, na fome, na violência, na mortandade da população sem atendimento médico e em uma infinidade de outras pragas a corroer o país pelas beiradas.

Vale aqui o que foi dito com relação às saúvas: ou o Brasil, no caso dos brasileiros, acaba com o presidencialismo de coalizão, ou ele acaba com o Brasil.

» A frase que foi pronunciada

“Quanto mais corrupto é o Estado, mais leis.”

Tácio

Boa vontade

A tecnologia, quando aplicada com a intenção de trabalhar melhor, dá resultado que agrada ao pagador de impostos. A Administração do Lago Norte é um exemplo. Com uma assessoria eficiente e atendida, o administrador Marcelo Ferreira da Silva tem um canal direto com a comunidade. O resultado é que todos juntos fazem do Lago Norte um lugar melhor para viver.

Consome dor

Temos um leitor que ficou horrorizado com o atendimento na lotérica do Conjunto Nacional. Ao receber um bilhete premiado a atendente disse que os números sorteados dariam ganho de R\$ 5 e rasgou o bilhete, jogando-o no lixo. O cidadão não se conformou com esse gesto e pediu o bilhete de volta. Criou-se a confusão. A moça disse que essa rotina era praxe. Inconformado, o jogador só saiu da fila com o bilhete rasgado na mão. Os idosos que são enganados e maltratados no comércio deveriam ter a quem recorrer de imediato.

Importante

Muito triste para o país a notícia de que o senador Paim vai deixar de concorrer nas próximas eleições. É um parlamentar que merece elogios não só pelo volume de leis importantíssimas aprovadas, mas pela sabedoria, proximidade com o povo e honestidade. Vamos lá, senador. Ainda há tempo de mudar de ideia.

» História de Brasília

Não há desmentido ao que vamos dizer agora. Foram fichados 400 candangos que não têm mais o que fazer. Já limparam o canteiro de obras, e, agora, passam o dia procurando o que fazer, porque não reiniciaram as obras. (Publicada em 15/2/1962)